

***A ÚLTIMA PORTA ANTES DA NOITE* (ANTÓNIO LOBO ANTUNES): A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DA MORTE**

Ana Paula Arnaut
Universidade de Coimbra

Resumo: Partindo de uma base real, como (quase) sempre acontece nos seus romances, *A Última Porta Antes da Noite* (2018) comprova uma vez mais a notável capacidade de António Lobo Antunes para reformular poeticamente o real, inscrevendo a originalidade na repetição, a diferença na semelhança e a diversidade na unidade. Ainda que aceitemos a hipótese de o autor andar a vir escrevendo “um único livro dividido em capítulos”, dada a recorrência das suas obsessões temáticas, e também do uso de certas estratégias compositivas, a verdade é que a variação implica linhas diferenciais consideráveis que, no caso desta obra, permitem, por um lado, distingui-la das que compõem os seis primeiros ciclos, e, por outro, aproximá-la do conjunto daquelas que, segundo já defendemos, integram uma nova fase: a da finitude.

Palavras-chave: Real, Poesia, Sonho, Infância, Morte

Abstract: Departing from a real basis, as it (almost) always happens in his novels, *A Última Porta Antes da Noite* (2018) proves once again the remarkable ability of António Lobo Antunes to poetically reformulate the real, by inscribing originality in repetition, difference in similarity and diversity in unity. Although we accept the hypothesis that the author is writing "a single book divided into chapters", given the recurrence of his thematic obsessions, and also the use of certain compositional strategies, the fact is that the variation implies considerable differential thematic lines that, in the case of this narrative, allow, on the one hand, to distinguish it from those that make up the first six cycles, and, on the other, to approach it from those that, according to what we have already advocated, integrate a new phase: the one of the finitude.

Keywords: Reality, Poetry, Dream, Childhood, Death

“morrer é um acto que infelizmente demora”

António Lobo Antunes [Irmão do Doutor, p.

342]

“a felicidade é uma sombrinha à chuva a caminhar conosco de
braço enganchado nem que seja um minuto somente”

António Lobo Antunes [Segundo Cobrador, p. 248]

Em entrevista dada à jornalista Ana Sousa Dias em 1992, António Lobo Antunes confessa que os seus romances assentam sempre num “cenário sólido”, sendo “A casca” (pessoas, coisas, acontecimentos), depois vestida “por dentro e por fora conforme [lhe] apetece”¹. Ora, se no caso de algumas obras a identificação com a realidade é de difícil, se não impossível, dilucidação, porque a *matéria-prima* não faz parte do domínio público, podendo resultar de histórias vividas ou contadas (por pacientes do Hospital Miguel Bombarda, por amigos ou por familiares), no que se refere a *A Última Porta Antes da Noite* (2018) a confirmação do enraizamento no real encontra-se, de facto, ao alcance de qualquer leitor atento ao quotidiano social português (assim como acontece com *Que Farei Quando Tudo Arde*, 2004, por exemplo²).

O ponto de partida do novo capítulo do tal único livro que diz vir escrevendo³, é agora, então, uma série de notícias saídas nos jornais em novembro de 2016 sobre o homicídio de um empresário de construção civil do Norte de Portugal, raptado em frente à filha, em março desse mesmo ano. Embora as semelhanças passem ainda pelo móbil do crime ou pelo método adotado para fazer desaparecer o cadáver⁴, entre outros pormenores, a verdade é que o génio criativo de

¹Ana Sousa Dias. “Um Escritor Reconciliado com a Vida” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.), *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [1992], p. 151. Questionado sobre como nasceu este último livro, responde “Li três ou quatro coisas no jornal e depois inventei” (Isabel Lucas, “António Lobo Antunes: ‘Quando É Que Eu Fui Feliz?’” (entrevista). *Ipsilon/Expresso*. 19 de outubro, 2018).

² Os dados factuais desta obra podem ser consultados na biografia do transformista Joaquim Centúrio de Almeida, publicada por Carlos Castro em 2000 (*Ruth Bryden. Rainha da Noite*. Lisboa, Dom Quixote).

³ João Paulo Cotrim. “Ainda Não é Isto que Eu Quero” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [2004], p. 475.

⁴ “Segundo a acusação, sete dos arguidos organizaram um esquema, que implicava sequestrar e matar o empresário de forma a impedi-lo de reverter um estratagemma mediante o qual o património dos seus pais fora passado para uma sociedade controlada por dois dos arguidos”; “De acordo com a acusação, divulgada pela Procuradoria-Geral Distrital do Porto, o empresário morreu por estrangulamento e o seu corpo foi dissolvido em 500 litros de ácido sulfúrico” (*Diário de Notícias*, 2016). A mesma estratégia é usada no romance de António Lobo Antunes, na medida em que,

António Lobo Antunes tudo transforma, afastando a tessitura narrativa de um registo meramente documental, que substitui por relatos de marcada dimensão poética, de novo exigindo que caminhemos pelas páginas do que escreve “como num sonho porque é nesse sonho, nas suas claridades e nas suas sombras, que se irão achando os significados do romance, numa intensidade que corresponderá aos [nossos] instintos de claridade e às sombras da [nossa] pré-história”⁵.

Um sonho para cuja ambiência volátil contribui a quase ausência de marcadores temporais concretos, nomeadamente os relativos à contagem das horas facultadas pelos relógios. Na esteira do que lemos em outras obras, também aqui – no passado como no presente, em fevereiro ou em dezembro⁶ – os relógios dão horas vagarosas ou estão parados, comem os traços do tempo, não têm ponteiros, e, por isso, não o podem dizer⁷. Contudo, tal como o relógio de pulso na mesa de cabeceira da mulher do Doutor, que, apesar de inaudível os ensurdece a ambos⁸, também as restantes personagens, ou as vozes em substituição de corpos que não ganham nunca contornos nítidos, vão progressivamente sentindo que o tempo, por vezes travestido de agentes da Polícia, cada vez mais os aperta, os cerca e os oprime.

Mas para criar a dimensão onírica do romance concorre, sobremaneira, como referimos, o recurso a uma linguagem contaminada por efeitos poéticos assinaláveis, os quais, de forma tão curiosa quanto fascinante, migrando para o além texto, acabam por regular a simpatia do leitor para com as personagens. Referimo-nos em particular, e principalmente, por um lado, à constante referência a uma ave retirada de um verso de David Mourão-Ferreira, um dos poetas de eleição de António Lobo Antunes: a todavia, o pássaro “capaz de voar, não na garganta, mais fundo”⁹, nas palavras da personagem encarregada de a trazer para o universo deste romance de António Lobo Antunes: o Irmão do Doutor¹⁰. Por outro lado, não passa despercebido ao leitor da ficção antuniana o eco metatextualmente poético do final de *A Ordem Natural das Coisas* (1992) ou de *O Esplendor de Portugal* (1997), presentes na voz daquela que é, para nós, a mais torpe das personagens

afinal, como as personagens repetem obsessivamente ao longo do romance, com ou sem variantes, “se não há corpo não há crime” (António Lobo Antunes, *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, *passim*).

⁵ António Lobo Antunes. *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa, Dom Quixote, 2007 [2002] p. 114.

⁶ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 64, 388.

⁷ *Idem*, pp. 52, 92, 171, 368, 395.

⁸ *Idem*, p. 86.

⁹ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 33.

¹⁰ A ave surge na primeira estrofe do poema “Educação sentimental”, pertencente à antologia poética *As Lições do Fogo*: “Na janela mais alta de Lisboa, / é a ave chamada Todavia: / a que posta no céu não se desvia, / mas que perto do rio já não voa...” (David Mourão-Ferreira. *As Lições do Fogo*. Lisboa, Dom Quixote, 1976, p. 95).

de *A Última Porta Antes da Noite*. Referimo-nos ao Doutor, por quem, apesar de tudo, conseguimos sentir alguma compaixão, como, de resto, em grau e em nível variados, sucede com as outras personagens do grupo, em especial com o Cobrador do Bilhar, que, pelo modo como usa a linguagem para redimensionar o real, nos parece ser aquele pelo qual o leitor mais positivamente regula a sua simpatia.

O excerto que abaixo citamos, respeitante a um momento em que o mandante do crime recorda a relação com a secretária, traz-nos, pois, à memória, por um lado, a “chuvinha de Outubro ascendendo no escuro”¹¹, por entre a qual Julieta procura o irmão Jorge; por outro lado, convoca, ainda, o caminhar de Isilda, “na areia na direcção dos [...] pais, de chapéu de palha a escorregar para a nuca, feliz, sem precisar de perguntar-lhes se gostavam”¹² de si:¹³

– Até amanhã

a maior parte das vezes sem um sorriso para amostra e eu começava a contar-lhe os passos diminuindo corredor fora até a porta da rua se abrir com um ganido, fechar com um estalo, depois a do elevador, no seu chiar de cancela de jardim, a transportá-la, baloiçando, até ao rés do chão, quando subia dava-me sempre a ideia de entrar na barquinha de um balão a gás ultrapassando a claraboia do tecto para voar sobre a cidade, cada vez mais distante, cada vez mais pequena, até se tornar um pontinho, comigo dentro, na direcção do mar e seria essa, um dia, a minha maneira de partir, tornar-me um grão de nada entre grãos de nada, por exemplo o grão do meu avô na cadeira de baloiço

– Traz aí da gaveta a caixa das damas¹⁴

Estamos, pois, neste como em outros momentos de *A Última Porta Antes da Noite*, como Carlos Reis já assinalou a propósito da escrita cronística do autor, perante “um espaço que, por ser feito de palavras, encerra um potencial evocativo praticamente ilimitado”. Recordando ainda a dimensão poética de obras como *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura* (2000)¹⁵, por exemplo,

¹¹ António Lobo Antunes. *A Ordem Natural das Coisas*. Lisboa, Dom Quixote, 2008 [1992], p. 311.

¹² António Lobo Antunes. *O Esplendor de Portugal*. Lisboa, Dom Quixote, 2007 [1997], p. 414.

¹³ A propósito do final de *Conhecimento do Inferno* (1980), Maria Alzira Seixo. chama a atenção para o facto de o médico narrador seguir “ao volante pela estrada de Sintra’, a caminho do mar do quintal paterno e dos pássaros reais da infância, isto é, a caminho da poesia” (“Na ficção de António Lobo Antunes. Escrever a experiência ou experienciar a escrita?”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [2002], p. 254). A aproximação da narrativa antuniana a este modo literário foi também apontada por Nuno Júdice e por Mário Santos, entre outros (respetivamente, “Uma Obra Imensa” e “Uma Espécie de Música (O Arquipélago da Insónia)”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [2003] [2008], pp. 278 e 424).

¹⁴ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 171.

¹⁵ Lembre-se, ainda, que “Poema” é a indicação genológica que acompanha este livro, cujo título resulta da subversão do verso de Dylan Thomas, “Do not go gentle into that good night”. De igual modo, também o título do romance de 2001, *Que Farei Quando Tudo Arde*, parte, parcialmente, do último verso do soneto de Sá de Miranda “Desarrezoado amor, dentro em meu peito”. Os títulos *Que Cavalos São Aqueles que Fazem Sombra no Mar?* (2009) e *Sóbolos Rios que Vão* (2010) retomam,

António Lobo Antunes revela-se, mais uma vez, “Como o poeta que é capaz de extrair de um episódio anódino (um ruído, um olhar, uma cor, um objecto de repente descoberto) os sentidos múltimos e plurissignificativos que só a palavra poética é capaz de enunciar”¹⁶.

Além do exposto, cabe registrar que, como sucede em outras ocasiões¹⁷, o sonho, ou a sua ambiência, pontual mas objetivamente se transforma na consciência da composição material de um livro cujo relato é, ou parece ser, delegado no Segundo Cobrador:

(...) não sei se num café ou numa casa ou na sede da polícia, preferia que num banco do parque sob as todavias onde a irmã do homem observava sem nos ver os próprios dedos enquanto eu lhe contava este livro (...)

(...) no fim do miradoiro, um comboio a diminuir, os ninhos das cegonhas vazios, um texugo entre as ervas, esses bichos miúdos que a noite traz consigo, o ventinho de outubro a desordenar os arbustos, um cão vadio a alargar-se numa curva para se afastar de nós, este livro acabado, o que tenho mais a dizer, a minha avó numa censura em segredo

– Para quê tudo isto menino?

e o livro no fim, mais umas páginas e fecham-no (...)¹⁸

Às cinco vozes que dão corpo à *respiração* poética, mas violenta, do romance (Cobrador do Bilhar, Irmão do Doutor, Ervanário, Segundo Cobrador, Doutor), que, sensivelmente até meio da obra, mantêm a mesma ordem de entrada em cena¹⁹, cabe, portanto, a apresentação gradual, em registos que mutuamente se completam e, por vezes, se auto e heterocorrigem, da informação relativa ao crime cometido (preparação, consumação, ocultação e prisão de todos os membros do grupo). Sem grande dificuldade, e desde o início, o leitor apercebe-se, no entanto, de que este é apenas o mote que permite às personagens (ao autor?²⁰) as várias e sucessivas glosas em torno de

respetivamente, dois dos versos de uma Cantiga dos Reis da zona do Alentejo e a designação de uma das mais célebres redondilhas de Luís de Camões.

¹⁶ Carlos Reis. “A Arte da Crónica [Livro de Crónicas]”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [1999], p. 207

¹⁷ Por exemplo em *A Ordem Natural das Coisas* (1992), onde Maria Antónia assume a responsabilidade pela escrita do romance. Se, no caso, a semelhança do nome da personagem com o do escritor ilustra a necessidade de este constantemente se intrometer nos universos narrativos que recria, o mesmo sucede em *A Última Porta Antes da Noite*, em que um certo Antoninho se (con)funde com o Doutor (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 173).

¹⁸ *Idem*, pp. 382, 433-434. O Cobrador do Bilhar, por seu turno, afirma: “enerva-me que o meu pai acabe em mim que não tenho filho algum, sou o ponto final da sua frase, quando eu falecer esqueçam este livro” (*idem*, p. 185).

¹⁹ Capítulos 1 a 15 (três blocos). Nos restantes (16 a 25) a ordem é a seguinte: Cobrador do Bilhar, Cobrador do Bilhar, Irmão do Doutor, Irmão do Doutor, Ervanário, Segundo Cobrador, Doutor, Ervanário, Segundo Cobrador, Doutor.

²⁰ É o próprio António Lobo Antunes quem assume que, por detrás da teia polifónica das suas obras, se encontra a sua única voz (João Paulo Cotrim. “Ainda Não é Isto que Eu Quero” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [2004], p. 476). Talvez por isso o Irmão do Doutor afirme não

algumas das mais conhecidas linhas temáticas da ficção antuniana: os desafetos, ou a carência dos afetos, a solidão, o abandono, o medo (que é também o da morte²¹, este sobre todos os outros), o esfacelamento interior, a doença, ou a procura de quem se é. Tal como sucede entre a capa e a contracapa de outros universos narrativos, o essencial parece concentrar-se:

no modo como seus personagens exprimem a sua vivência do cotidiano, que é maioritariamente invadida pela evocação do passado e da infância, mas também tingida pelos sonhos que se projetam no futuro, pelas fantasias que há lugar para querer viver.²²

Deste modo, em contraponto com as vivências de presentes ensombrados pelas mais variadas angústias, todas as personagens protagonizam movimentos retrospectivos, de amplitude diversa²³, que as transportam quer para o tempo de preparação e de execução do crime quer para o tempo pretérito da infância. Esta, embora reduto de vidas mais felizes, surge já marcada por traumas, maiores ou menores, que, freudianamente, ajudam a explicar as atitudes e as ações do presente, pois, como assume um dos homens, o Irmão do Doutor, “com o tempo tudo gela por dentro”²⁴.

Não por acaso, em momento de retrospeção que o leva àquela época, o Cobrador do Bilhar retoricamente se interroga sobre “quem não tem um baú na cabeça cheio de tralha antiga, episódios na aparência sem nexo de repente a ganharem sentido e o passado a crescer”, e ao qual (confundido embora com a pequena que mora consigo) pede que lhe conte quem é, que lhe explique a sua vida, que lhe pegue na mão, porque “é tão difícil sozinho”²⁵.

Assim, a título de exemplo, talvez a falta de afeto do pai do Ervanário, que o abandona e à mãe, justifique o desabafo em que dá conta do ódio à figura paterna (inequivocamente transferido

estar seguro de, “mesmo acordado”, as suas frases lhe pertencerem (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 119).

²¹ Em entrevista a Rodrigues da Silva sobre *Memória de Elefante*, António Lobo Antunes afirma que “toda a nossa vida é uma luta e uma fuga constante à depressão e ao receio da morte (...) E aos mecanismos que nós arranjamos para nos defendermos disso. Se a gente esgravata um bocadinho em nós próprios ou nos outros, é aquilo que acaba por encontrar, o enorme receio da solidão, do abandono (que é aquilo que as pessoas suportam pior) e da morte” (Arnaut, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [1979], p. 10).

²² Alzira Seixo, *apud* Machado, Cassiano Elek. “Desafeto de Saramago, António Lobo Antunes Tem Livro Lançado no Brasil”. *Folha Online*. 3 de Agosto, 2002.

²³ O “agora” do Ervanário distancia-se “tantos anos” da recuperação que faz do passado, enquanto, por exemplo, o do Cobrador do Bilhar ou do Irmão do Doutor se cristaliza no momento da sua prisão (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 414; 285, 305, 323, respetivamente).

²⁴ *Idem*, p. 32.

²⁵ *Idem*, p. 93.

para o homem), em articulado discursivo que, de forma recorrente e de modo violento, e, porém, impregnado de impressionantes notas líricas, funde e confunde tempos e seres:

(...) não sei se era no homem ou no meu pai que batia a gritar-lhe
– Por que motivo não quer saber de mim por que motivo nunca me procurou?
e o meu pai tentando fugir-me sem conseguir fugir, tentando empurrar-me,
tentando esconder-se debaixo do automóvel comigo a puxar-lhe a perna, a puxar-
lhe o braço, a puxar-lhe o pescoço, a rasgar-lhe a calça, a manga do casaco, o
colarinho enquanto um único olho me fixava, acho que a ver mas acho que não
me via, acho que esquecido de mim e eu
– Só se lembrou de si mesmo não foi só se lembrou de si mesmo
de modo que lhe verti o ácido sulfúrico em cima senhor, de modo que o entornei
no rio, de modo que no dia seguinte aposto que a sombrinha contra o muro no
passeio do outro lado, em frente da marquise à espera dele o dia todo, ao cair da
noite foi-se embora devagarinho, derrotada, se passar na rua da minha mãe, numa
manhã de chuva, encontro-a lá de certeza, talvez arranje coragem para lhe tirar a
sombriinha mas tenho medo que ao tirar a sombrinha dê não com uma mulher
qualquer, com a irmã do homem por baixo dado que as alunas do secundário
teimosas, a irmã do homem a fitar-me com as todavias em torno e eu na garagem
a bater no meu pai, não apenas com a soqueira, os pés, a cabeça, como posso
querer encontrá-lo se agora uma pasta amarela e negra no meio de girinos, sereias
e peixes, a minha mãe sem acreditar em mim
– Estás a dizer que o mataste?²⁶

Na mesma ordem de ideias, a maior fragilidade emocional que nos parece caracterizar o “palerma” do Irmão do Doutor, e que o leva a bater no homem menos do que os outros, ainda que diga fazê-lo “por respeito à irmã”²⁷ deste, pode, porventura, enraizar-se em alguns traumas da meninice: no facto de se ver como feio, gordo e desajeitado, na circunstância de nunca ter tido “diminutivo nenhum”, o que, segundo ele, explica a sua “infância infeliz” e a sua “melancolia de adulto”, e, principalmente, no episódio em que, na praia, um veterinário amigo do pai, tenta abusar dele²⁸.

Seja como for, ainda que cheios de infância dentro, ainda que capazes de, ocasionalmente, se comoverem com os pequenos nadas do quotidiano²⁹, todos eles se consubstanciam, por

²⁶ *Idem*, p. 377.

²⁷ *Idem*, pp. 35, 115. A irmã do homem assassinado surge, no romance, como obsessão de todos os membros do grupo.

²⁸ *Idem*, pp. 35, 38;120; 332-333.

²⁹ Por exemplo, o Irmão do Doutor quase se comove com a maneira como o pai, já doente, olha para uma banana, e, posteriormente, confessa emocionar-se com a palavra Estio (António Lobo Antunes, *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 29, 193). O Cobrador do Bilhar, o que mais usa diminutivos e o mais capaz de escrever os seus sentimentos, deixando que as lágrimas lhe venham aos olhos, ainda que diga tê-las posto “para comover os outros”, emociona-se com a palavra “Filho”, porque “há palavras que tocam, não imaginava que tocassem mas tocam”, e sensibiliza-se, ainda, com os ténis da filha do homem que matam; o Segundo Cobrador entenece-se com “a humildade dos capachos”, com o perfume de uma mulher ou com as “sementes peludas que entram pela janela”; o Doutor recorda, tocado, o beijo dado pelo pai e o modo como este, já doente, “tão miúdo, segurava “na caneca com as duas palmas abertas, não

consequente, num contraponto inultrapassável, em seres interiormente dilacerados, “peças sem alma”, em analogia sugerida por ocasião do jogo entre o Cobrador do Bilhar e o polícia que o prenderá³⁰. Por isso, a tessitura narrativa é pontuada por referências que nos fazem mergulhar (afundar? afogar?) no mais íntimo recanto de cada uma destas *almas* fragmentárias, incompletas e desalinhas, em si mesmas, na relação que vivem com os companheiros do crime e nos laços que mantêm com outras personagens do romance, nomeadamente com as femininas, também elas, aqui, objeto de violências diversas³¹.

Assim, a título de exemplo, se do Doutor se diz “tropear no interior de si mesmo”, em expressão atribuída com uma pequena variante ao Segundo Cobrador (que, de forma sucinta, tropeça “em si mesmo”), do Ervanário regista-se a voz “despedada do corpo a criar palavras sozinha que depois a gente nem supõe que fomos nós que as dissemos”³². À semelhança de exemplos que podemos colher em outros romances da constelação antuniana, a impressão (a certeza) de incompletude é ainda facultada pelo viés de uma técnica de caracterização que já designámos como em segunda mão, isto é, resultante do paralelismo que é possível delinear entre os traços das personagens (físicos e/ou psicológicos) e certos elementos de índole diversa, apenas aparentemente anódinos no que toca às potencialidades de representação do carácter das criaturas que percorrem as páginas do romance³³.

pela pega”; e o Ervanário (a quem o Irmão do Doutor diz que um dia lhe explicará as todavias, num eco longínquo do pedido de explicação dos pássaros que Rui S. faz ao pai no romance homónimo), ainda que o não diga, impressiona-se também com “as sementinhas peludas” que entram pela janela (*Idem*, pp. 275, 186, 291; 372, 421, 341; 390, 263; 121, 411). Para a referência a Rui S., ver António Lobo Antunes. *Explicação dos Pássaros*. Lisboa, Dom Quixote, 2004 [1981], p. 47.

³⁰ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 297.

³¹ De entre tantos exemplos suscetíveis de ilustrar as relações entre o masculino e o feminino, destacamos os seguintes: seguindo os ensinamentos do pai, para quem se devia tratar as mulheres como se tratam as éguas, com “Estribos altos”, o Irmão do Doutor considera que “um encontrão contra a cómoda, de arestas a fingirem bronze”, talvez fosse suficiente para pôr a mulher na ordem; o Ervanário “desde o princípio” que ensina a mulher a respeitá-lo, e, sem necessitar de zangas, “basta[-lhe] bater a sola no chão”; o Segundo Cobrador defende que “quanto mais feias mais se esforçam”; o Doutor sente vontade de estrangular a mulher para lhe escutar “o último suspiro”; a filosofia do Cobrador do Bilhar, por seu turno, deixa claro que “as mulheres são como as lâmpadas apagadas, dá-se-lhes um piparote e funcionam” (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 28; 46; 58; 78; 91). Sobre a temática do feminino, ver Ana Paula Arnaut. *As Mulheres na Ficção de António Lobo Antunes: (In)variantes do Feminino*. Alfragide, Dom Quixote, 2012.

³² António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 29, 152, 119

³³ Ana Paula Arnaut. “A Insólita Construção da Personagem Post-Modernista.” *Abusões*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, vol. 50, n.º 3, 2016, p. 18.

Deste modo, salvaguardando o imperativo de as adaptar ao contexto específico de cada uma das delas julgamos que seus retratos podem ser desenhados a partir de expressões-imagens como as seguintes: na “bailarina de vidro com uma falha no cotovelo”, nos “caranguejos a avançarem nos penedos de patas aleijadas”, num “tanque de roupa com uma perna a menos”, no “automóvel do ervanário (...) com uma das lâmpadas traseiras fundidas”, ou, ainda, em síntese que depois se explicita, no “que a gente encontra debaixo do sítio onde descansa (...), um botão de punho desirmanado, metade de um brinco, um resto do sol de ontem”³⁴. Em última análise, estes seres falhos e incompletos encontram correspondência discursiva parcelar no desmembramento de períodos, na incompletude e nas suspensões semânticas de tantas das palavras que habitam o romance, como, aliás, é característica de grande parte das obras de António Lobo Antunes.

Todos, seres que se despenham no parapeito de si mesmos³⁵ e que com eles nos arrastam pelos rios das frases, sílaba a sílaba³⁶, tirando as máscaras, e, num eco da ópera *O Castelo do Barba Azul*, do húngaro Béla Bartók³⁷, abrindo as portas de e para os segredos-espetáculos das suas vidas, passadas e presentes (do brilho da infância à escuridão do crime)³⁸, desse modo procurando um sentido que, porém, sempre se revela difícil, ou, mesmo, impossível, de alcançar. Cada um deles acaba, portanto, como Barba Azul, por ficar irremediavelmente entregue à solidão, que foi a do casamento ou, talvez, a de toda a sua vida³⁹, e que é, no final, também a da clausura após o julgamento, também esta passível de ser entendida como uma espécie de morte.

³⁴ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 51, 148, 180, 199, 120.

³⁵ António Lobo Antunes. *Da Natureza dos Deuses*. Alfragide, Dom Quixote, 2015, p. 179.

³⁶ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 220.

³⁷ Baseada no conto homónimo de Charles Perrault, com libreto de Béla Balász.

³⁸ A obra de Bartók coloca em cena a exigência de Judite de que Barba Azul destranque cada uma das sete portas do palácio. Uma a uma abertas, em processo metafórico de auto e de heterognose, estas vão revelando uma câmara de tortura, um arsenal, um tesouro, um jardim, uma vista sobre prados e bosques, um lago de lágrimas e de escuridão e, finalmente, por detrás da sétima porta encontram-se as três anteriores mulheres de Barba Azul, às quais se junta Judite.

³⁹ Sobre a sua relação com a mulher, diz o Irmão do Doutor: “há muito tempo já que desistimos de nos olhar”, enquanto o Ervanário afasta a sua “com o cotovelo” porque, “ao fim de vinte e tal anos (...) o musgo do ódio começa a crescer nos intervalos da pedra dos dias” (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 27, 50). É, no entanto, quase nas páginas finais, que a viúva do 9º D, de forma pungente, define a solidão existencial: “–Tão penoso tudo quando começa a noite não é? / o sofá vazio dói, as fotografias tremem, os móveis pedem auxílio e tudo me vira as costas, calado à minha roda, percebe, os homens não entendem isto pois não, podem conhecer a solidão mas não conhecem o nada, podem conhecer o silêncio mas não conhecem a mudez, não conhecem o que é uma cozinha às escuras apesar da luz acesa, o corredor de súbito interminável que nos conduz de nós mesmos à ausência” (António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, p. 410). O que mais uma vez se prova é que, embora nos mundos (re)criados por António Lobo Antunes todos sofram

Lembramos a propósito que, anos antes, quando publica a crónica “A Última Porta Antes da Noite” (sobre o falecimento do poeta Manuel António Pina), o autor escreve em *Post Scriptum*: “esta crónica chama-se assim porque Bartók, sei lá porquê, me veio neste momento à cabeça”⁴⁰. Adaptando ao *contexto melódico* do romance as palavras de George Steiner, aqui, tal como na obra de Bartók, personagens-protagonistas e autor abrem, ou tentam abrir,

a última porta do castelo embora ela possa levar, ou talvez porque ela pode levar, a realidades que estão para além da capacidade do entendimento e controlo humanos. [Fá-lo-ão] com a lucidez desolada, que a música de Bartók prodigiosamente nos comunica, porque abrir portas é o trágico preço da nossa identidade.⁴¹

Não sabemos se, com a escrita de *A Última Porta Antes da Noite*, Bartók voltou novamente à inconsciência consciente(?) do autor, mas a verdade é que existem vários fios, pontas soltas, ou apenas aparentemente soltas, que parecem unir os textos que, no limite, apontam para ele próprio e para o que julgamos (sentimos) ser a sua mais recente obsessão: a morte e, em concomitância, a vida como o caminho que a antecede. Esclarecemos que não pretendemos contrariar a presença destas linhas temáticas na globalidade da sua produção ficcional⁴². Numa leitura e numa delimitação que assumimos como subjetivas, pensamos, porém, que a partir dos romances publicados depois de *Da Natureza dos Deuses* (2015), inclusive, a morte enquanto horizonte temático se lhe torna cada vez mais próxima, mais íntima, e, portanto, cada vez mais sujeita a ponderações tingidas de uma humana filosofia que a todos toca e que a todos chegará. Propusemos, já, por isso, que esse título inicie uma nova fase de produção literária de António Lobo Antunes: a da finitude⁴³.

Referimo-nos, assim, no caso do romance em apreço, não apenas ao facto de a morte efetiva do homem pelos cinco amigos de infância constituir o corpo central da narrativa, mas também ao facto de esta ser constantemente pontuada pela menção ao óbito de outras personagens e às consequentes reflexões em redor da vida. Sabemos, pois, ainda, do falecimento do cunhado

e agonizem, a mulher sofre e agoniza mais do que o homem (Ana Paula Arnaut. *As Mulheres na Ficção de António Lobo Antunes: (In)variantes do Feminino*. Alfragide, Dom Quixote, 2012, p. 115).

⁴⁰ António Lobo Antunes. “A Última Porta Antes da Noite”. *Visão*. 8 de novembro, 2012.

⁴¹ George Steiner. *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água 1992 [1971], p. 141.

⁴² Na já mencionada entrevista a Ana Sousa Dias diz tentar “dar as múltiplas faces de uma realidade de maneira a ir um pouco mais fundo nos sentimentos, nas emoções, no fundo em face dos grandes temas que acabam por ser sempre os mesmos ao longo dos livros todos: a solidão, a morte, necessariamente também a vida, depois o amor ou a ausência dele, e penso que cada vez mais a ternura” (Arnaud, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [1992], p. 148).

⁴³ Ana Paula Arnaut. “Até Que as Pedras se Tornem Mais Leves Que a Água.” Recensão. *Colóquio/Letras*, vol. 199, 2018, p. 241.

do Cobrador do Bilhar, o que o leva a confessar que “ainda não entendo o meu cunhado porque em geral as pessoas demoram tempo a morrer, teimam em agarrar-se à vida e o que vale a vida, quem é feliz neste mundo ponha o dedo no ar”⁴⁴. Em reflexão desencadeada pelo crime cometido, que metaforicamente resume a decadência física, o Ervanário considera que:

a partir dos trinta e cinco tudo começa a negar-se desde as gavetas à memória, olha a chave da entrada por exemplo, outrora tão simples, à qual a fechadura já resiste, olha o polibã cada vez mais tremendo de entrar lá dentro porque o rebordo subiu metros e metros e os joelhos não dobram ou dobram aos estalos como as navalhas espanholas em saltinhos penosos, a idade é uma empresa de demolições, desde a memória aos ossos, de modo que aquilo que o caixão levará já não éramos nós, sobras dispersas, sem préstimo, que se deixam varrer para uma pá qualquer.⁴⁵

O Doutor, que chega a desejar a morte do pai⁴⁶, por sua vez, encara a vida como um teatro, sentindo “ganas de pedir”

– Por favor endireita-te e vai ao camarim tirar a tua morte com um algodão molhado tem paciência
Porque de repente não é a sua, é a nossa morte que vemos enquanto perguntamos cheios de medo
– Tornei-me assim também?⁴⁷

Se para o irmão deste, que assume o medo do fim, “morrer é um acto que infelizmente demora”, como se verifica pelas palavras do Cobrador do Bilhar ao descrever a doença (cancro) do pâncreas do seu pai⁴⁸, para o Segundo Cobrador, que confessa ter matado o homem “não por raiva” dele mas por raiva de si, “derivado a ter aceite o trabalho e portanto não a matar-te, a matar-me matando-te”, a vida não se consegue aguentar “sem vontade de corrigir o texto inteiro”⁴⁹.

Dito ou pressuposto, no entanto, a correção do texto que é a vida não é possível. O que foi não pode ser alterado, o passado longínquo ou próximo permanece sem remissão. O tempo, inexorável, tudo desmembra e devora, deixando-se apenas perceber pelo que “escreve em rugas na nossa testa”; rugas que “nos dão medo por cuidarmos que é o anúncio da morte sem compreender que aquilo que nos espera é pior do que a morte, é a solidão não porque os outros

⁴⁴ António Lobo Antunes. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018, pp. 9, 20.

⁴⁵ *Idem*, p. 51. Na sequência da menção ao perecimento da mãe, o Ervanário refere que “a partir de certa idade necessitamos de um livro de instruções a fim de manejar o próprio corpo” e, mais adiante, revela-se consciente de que “a morte (...) toma conta de nós lentamente” (*idem*, pp. 221-222, 223, 345).

⁴⁶ *Idem*, p. 254.

⁴⁷ *Idem*, p. 85.

⁴⁸ *Idem*, pp. 117, 342; 187.

⁴⁹ *Idem*, pp. 241, 244.

nos abandonam, porque somos nós quem se vai embora da gente”⁵⁰. O tempo, tal como os comboios que dele podem servir de metonímia, não volta nunca atrás⁵¹, como sublinham o Ervanário e o Doutor. Este, apesar de nas linhas finais do romance, pela memória da sua imaginação de criança, *voar* no bico de uma cegonha em direção a Paris, não deixa, como os outros, de ter consciência da prisão.

Solitários, na estação que é a da vida, para continuarmos na linha imagética oferecida pelo líder do grupo⁵², as personagens permanecem na mesma penosa noite, que começa cedo, no nascimento, ou na infância sempre presente, e, todavia, sempre e sempre ausente; sempre e sempre demasiado longínqua, tal como os comboios que nunca as levam consigo⁵³. E para onde iriam, Cobrador do Bilhar? Para onde, Segundo Cobrador? Para onde, António, escrita (aberta?) que está a última porta antes da noite?

⁵⁰ *Idem*, p. 100.

⁵¹ *Idem*, p. 403, 451.

⁵² *Idem*, p. 390.

⁵³ *Idem*, pp. 186, 243.

Bibliografia

- Antunes, António Lobo. *A Última Porta Antes da Noite*. Alfragide, Dom Quixote, 2018.
- _____. “A Última Porta Antes da Noite.” *Visão*. 8 de novembro, 2012. Web. 18 de março de 2019. <http://visao.sapo.pt/opiniao/opiniao_antonioloboantunes/a-ultima-porta-antes-da-noite=f695293>.
- _____. *Da Natureza dos Deuses*. Alfragide, Dom Quixote, 2015.
- _____. *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa, Dom Quixote, 2007 [2002].
- _____. *O Esplendor de Portugal*. Lisboa, Dom Quixote, 2007 [1997].
- _____. *A Ordem Natural das Coisas*. Lisboa, Dom Quixote, 2008 [1992].
- _____. *Explicação dos Pássaros*. Lisboa, Dom Quixote, 2004 [1981].
- _____. *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura*. Lisboa, Dom Quixote, 2008 [2000].
- _____. *Conhecimento do Inferno*. Lisboa, Dom Quixote, 2004 [1980].
- Arnaut, Ana Paula. “Até Que as Pedras se Tornem Mais Leves Que a Água.” Recensão. *Colóquio/Letras*, vol. 199, 2018, pp. 241-243.
- _____. “A Insólita Construção da Personagem Post-Modernista.” *Abusões*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, vol. 3, no. 3, 2016, pp. 7-34. Web. 15 de março de 2019. <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/45355/1/A%20insolita%20construcao%20da%20personagem%20Post%20Modernista.pdf>> (Estudo Geral UC) .
- _____. *As Mulheres na Ficção de António Lobo Antunes: (In)variantes do Feminino*. Alfragide, Dom Quixote, 2012.
- Castro, Carlos. *Ruth Bryden. Rainha da Noite*. Lisboa, Dom Quixote, 2000.
- Cotrim, João Paulo. “Ainda Não é Isto que Eu Quero” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [2004].
- Dias, Ana Sousa. “Um Escritor Reconciliado com a Vida” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.), *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [1992].
- “Estrangularam Vítima e Dissolveram Cadáver em 500 Litros de Ácido Sulfúrico”. *Diário de Notícias*. 2016. Web. 11 de março de 2019). <<https://www.dn.pt/sociedade/interior/estrangularam-vitima-e-dissolveram-cadaver-em-500-litros-de-acido-sulfurico-5503460.html>>
- Ferreira, David Mourão. *As Lições do Fogo*. Lisboa, Dom Quixote, 1976.

- Júdice, Nuno, “Uma Obra Imensa”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [2003].
- Lucas, Isabel. “António Lobo Antunes: ‘Quando É Que Eu Fui Feliz?’” (entrevista). *Ipsilon/Expresso*. 19 de outubro, 2018. Web. 17 de março de 2019.
 <<https://www.publico.pt/2018/10/19/culturaipylon/entrevista/quando-e-que-eu-fui-feliz-1847862#gs.7rcV5qpT>>
- Machado, Cassiano Elek. “Desafeto de Saramago, António Lobo Antunes Tem Livro Lançado no Brasil”. *Folha Online*. 3 de Agosto, 2002. Web. 11 de março de 2019.
 <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u26214.shtml>>
- Reis, Carlos. “A Arte da Crónica [Livro de Crónicas]”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [1999].
- Santos, Mário. “Uma Espécie de Música (O Arquipélago da Insónia)”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina 2008 [2008].
- Seixo, Maria Alzira. “Na ficção de António Lobo Antunes. Escrever a experiência ou experienciar a escrita?”. Arnaut, Ana Paula (ed.). *A Crítica na Imprensa: Cada Um Voa Como Quer*. Coimbra, Almedina, 2008 [2002].
- Silva, Rodrigues da. “António Lobo Antunes sobre a *Memória de Elefante*. Uma História de Amor entre o Desespero e a Resignação” (entrevista). Arnaut, Ana Paula (ed.). *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro*. Coimbra, Almedina, 2008 [1979].
- Steiner, George. *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio D’Água 1992 [1971].

Ana Paula Arnaut é professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leciona Literatura Portuguesa Contemporânea. É membro integrada do CLP (Centro de Literatura Portuguesa), onde desenvolve investigação no âmbito do projeto “Figuras da Ficção”, coordenado por Carlos Reis. Publicou *Memorial do Convento. História, Ficção e Ideologia* (1996), *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne-Máscaras de Proteu* (2002); *Homenagem a Cristóvão de Aguiar: 40 anos de vida literária* (org.) (2005), *José Saramago* (2008), *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro* (ed.) (2008), *António Lobo Antunes* (2009), *António Lobo Antunes: a Crítica na Imprensa. 1980-2010. Cada um Voa como Quer* (ed.) (2011). *As mulheres na ficção de António Lobo Antunes. (In)variantes do feminino* (2012), *Viagens do Carnaval: no espaço, no tempo, na imaginação* (coedição com Maria Aparecida Ribeiro) (2014), *O Ano da Morte de Ricardo Reis de José Saramago* (2017), *Identity(ies): a Multicultural and Multidisciplinary Approach* (org.) (2017). Tem também artigos publicados em inúmeras revistas nacionais e internacionais.

Correio eletrónico: arnaut@fl.uc.pt